



Bolsões Verdes/Esalq



Fotos: Christiano Delli Neto

Flamboyant é a árvore-símbolo da Esalq; este exemplar é ainda mais especial por ser a segunda ou terceira árvore plantada na Escola, que foi fundada em 1901, há 113 anos

Futuro jardim botânico

Cadastro de espécies é o 1º passo para transformar parque em unidade de preservação

ELENI DESTRO
Especial para a Gazeta

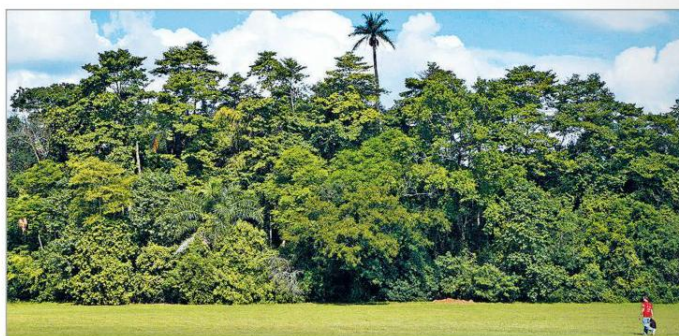
Um cadastro georreferenciado das árvores da Esalq/USP (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz/Universidade de São Paulo) é o primeiro passo para transformar o campus em jardim botânico. Mais de 5.000 árvores estão em processo final de mapeamento que servirá para orientar as técnicas de manejo das espécies e, assim, sua conservação e preservação. A informação é do professor das disciplinas de silvicultura urbana e gestão ambiental urbana Demóstenes Ferreira da Silva Filho, que acompanhou a reportagem da Gazeta em uma visita ao parque da Esalq, tema de hoje da série Bolsões Verdes.

“Esse levantamento é a base para transformar o campus em um jardim botânico, é a estrutura para isso. Um jardim botânico é um museu vivo”, observa Demóstenes. O engenheiro florestal Flávio Henrique Mendes, aluno de mestrado de Demóstenes, é um dos responsáveis pelo trabalho. “Foram cadastradas as que estão próximas das ruas e dos departamentos e as árvores maiores”, conta ele.

O professor chama a atenção para o desenho paisagístico do parque, que tem o nome de Parque Phillippe Westin Cabral de Vasconcelos. Ele foi projetado em estilo inglês pelo arquiteto paisagista Arsênio Puttemans, em 1905, e é um dos mais antigos que ainda conserva sua forma original no Brasil. “Ele é formado por maciços que escondem a paisagem e, de repente, se abrem, descortina-se essa paisagem. Você anda pelo parque e a paisagem vai se modificando”, explica.

TRILHAS

E toda ação que tenha como objetivo a conservação do parque e de suas espécies são bem-vindas. Conservação e informação caminham lado a lado com informação. A Gazeta pode con-



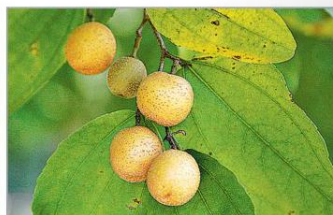
Gramado central é o principal ponto da Esalq; projeto paisagístico inglês possibilita variedade de paisagens



Alameda das palmeiras



A sumaúma, da Amazônia; no detalhe, seus espinhos



Frutos do juá, árvore que se destaca pela sombra



Detalhes do tronco de uma das árvores de pau-brasil

tar com a companhia dos experts Demóstenes e Mendes no passeio pelo parque, mas é perfeitamente possível conhecer as principais árvores de lá em um passeio autoguiado.

Isso graças ao projeto Trilhas do Parque da Esalq (www.esalq.usp.br/trilhas/), que aponta

uma série de percursos com a intenção de facilitar o reconhecimento e identificação das espécies. As trilhas estão divididas em tópicos com informações sobre as espécies e um mapa com o local em que elas se encontram. O visitante pode conhecer diferentes tipos de palmei-

ras, árvores de madeira de lei, frutíferas, medicinais, úteis e gimnospermas (araucárias, ciprestes etc).

Pau-brasil, chichá, pau-jacaré (espécie da Amazônia), a frutífera juá, o pinheiro de Madagascar, jequitibás, sapucaias são apenas algumas das espécies

existentes nos dez hectares de parque.

RARAS

Entre as mais incríveis estão a sumaúma, da Amazônia. Há duas no campus, que medem quase 30 metros e têm 49 anos, e são as únicas que ele tem conhecimento na cidade. A beleza impressiona. Da família das palmeiras, ao contrário delas, ainda conserva espinhos mesmo depois de adultas. Demóstenes conta que os índios a utilizam para se comunicarem, batendo em seu tronco.

Muita gente passa ao seu lado, com pressa, e não nota a sua beleza. A agathis, ou pinheiro da Nova Zelândia, é outra espécie rara do campus. Há quatro e a maior mede cerca de 18 metros. “Essa deve ter mais ou menos 60 anos”, arrisca Demóstenes.

Com sua sombra, a beleza de suas flores vermelhas, o flamboyant ganhou o título de árvore-símbolo da escola. E uma, em especial, ganha destaque pela posição que ocupa, do lado esquerdo de quem olha o prédio principal de frente. É ela merece ocupar o posto que ocupa na escola, fundada em 1901, há 113 anos. “Essa é a segunda ou a terceira árvore dessa espécie plantada no campus”, revela Demóstenes.